

Presidente anuncia a 'era pós'

FH diz que o 'novo' não é o que era, mas ninguém sabe ainda o que será

• BRASÍLIA. O presidente buscou ontem inspiração em sua experiência acadêmica e classificou o momento de grandes mudanças por que passam o Brasil e o mundo, às vésperas da virada do milênio, como "a era pós". Ao discursar para os participantes do Fórum de Líderes Empresariais Gazeta Mercantil 97, o presidente afirmou que, no novo contexto mundial, aqueles que ficam julgando o presente com os olhos no passado são incapazes de vislumbrar o futuro. Para Fernando Henrique, o momento é de busca de idéias e diretrizes que levarão a sociedade a se organizar com uma nova visão:

— No limiar do século XXI, nós estamos, na verdade, numa época pós. Pós qualquer coisa. Pós-liberal, pós-marxista, pós-social-democrata. É uma era pós.

Citando os grandes líderes mundiais, Fernando Henrique enfatizou não ser à toa que a palavra "novo" está em todas as propostas de governo de todos os países. Isso demonstra, na sua avaliação, que há uma percepção clara de que não basta mais falar de globalização, que já é uma realidade. Mas que, no novo momento mundial, existe uma ânsia de conceitos, propostas e ideologia.

— *New labor* (novo trabalho); na Inglaterra, *new society*

(nova sociedade), nos Estados Unidos. Sempre se põe um *new*. Põe-se o *new* porque não se sabe ainda o que é. Quer dizer que não é o que era, mas não se sabe ainda qual é o positivo — teorizou Fernando Henrique.

O novo momento, destacou, derruba as previsões de que iriam vigorar o império do mercado e o fim de ideologia, e demonstra que o novo conceito tem que estar embasado em algo mais que a eficiência do mercado.

O presidente recebeu um documento elaborado no fórum com propostas para a solução dos problemas brasileiros. Entre elas, a de que as empresas assumam uma parcela dos impostos pagos ao Governo para financiar programas sociais. Admitindo que a proposta é audaciosa, o presidente do fórum e da Usiminas, Rinaldo Campos Soáres, comparou-a a uma nova categoria de privatização, que teria como alvo a gestão de recursos que poderiam resgatar mais eficazmente dívidas sociais que têm se aveludado, sobretudo nas áreas de educação e saúde.

Em seu discurso, Fernando Henrique sustentou que o caminho para a redistribuição de riquezas não está ligado só aos impostos, mas passa também pela via da solidariedade e da coesão.